



*O JARDIM DOS CAMINHOS QUE SE DIVIDEM
O PODER DO CENTRO*

TERESA DIAS COELHO

GALERIA DO TMA
5 NOV 2011 a 15 JAN 2012

No final da Idade Média, príncipes e homens de saber entregaram-se à tarefa de reunir os objectos mais heterogêneos e insólitos numa Wunderkammer, num gabinete de maravilhas. Tais colecções criavam um efeito quase tão paradoxal como a enciclopédia chinesa descrita por Jorge Luís Borges.

Ao reunir nesta exposição uma enorme quantidade de desenhos de objectos da mais diversa proveniência e paisagens, procurando saturar o olhar do espectador com os efeitos de justaposição e acumulação, Teresa Dias Coelho criou algo próximo de uma Wunderkammer. Mas enquanto os objectos da Wunderkammer, no seu aspecto paradoxal e arbitrário, ganhavam sentido e razão de ser enquanto elementos exemplares e cristalizados do mundo vivo e infinito da criação, estes desenhos são traços mnemónicos, memória de um percurso pessoal - o da própria artista – que se revisita em chave labiríntica, como quem faz anotações autobiográficas, através de um instrumento, o desenho, que ganha uma dimensão escritural. O título borgesiano, introduzindo um segundo nível, eminentemente auto-reflexivo, aí está para nos lembrar isso: “O jardim dos caminhos que se dividem” .

A memória homogênea: estes desenhos, todos do mesmo tamanho bastante reduzido - criam equivalência e igualdade entre tudo aquilo que evocam enquanto dispositivos de memória. Vestígios de um tempo dinâmico, eles são uma cesura nesse movimento, imobilizações momentâneas, cristalizações de uma história que se apresenta desmontada, articulada através de fragmentos e visível apenas nos seus resíduos. Como o bom deus de Warburg, o de Teresa Dias Coelho também está nos detalhes. Os objectos representados nestes desenhos suspendem qualquer significação simbólica, são restos petrificados, naturezas mortas, produtos de uma arqueologia material a que a artista se consagrou.

Assim, no labirinto do passado e nas pregas dos seus meandros, os objectos aqui representados são como que ideogramas. E como a memória é narrativa, eles não se podem subtrair ao princípio de uma história, à lógica de um encadeamento, de uma efabulação que se constrói como uma trama labiríntica. Mas trata-se de uma história

potencial, sempre aberta, porque resulta de um jogo combinatório. Podemos, aliás, perceber que há aqui histórias potenciais de diferentes tonalidades: nostálgicas, melancólicas, sinistras, jubilantes, etc. O arquivo de onde vêm estes objectos está longe de ser um lugar neutro, muito embora cada objecto, por si, pareça expor-se numa espécie de neutralidade afectiva. O efeito de conjunto - as combinações e justaposições - é aqui um dado muito importante.

Estes desenhos trazem consigo uma crença cega na representação. Uma árvore, um copo, uma parede, uma sombra surgem aqui em pé de igualdade e ao lado de uma mar, de um céu, de uma nuvem. Ou seja, os objectos triviais que não oferecem qualquer resistência ao nosso poder de imaginação não têm um estatuto diferente daqueles que a tradição do pensamento estético deu como exemplos do sublime: o mar e o céu, na sua imensidão e ausência de limites.

Tudo aqui participa da mesma ordem do representável. Nem os objectos triviais ganham uma dimensão metafísica, nem as paisagens incomensuráveis nos fazem entrar no abismo da representação. O desenho é, aqui, um instrumento de sobriedade e de domínio. E é precisamente porque nada excede a medida que uma subtil estranheza se vem instalar. Tal como Warburg dizia que o seu Atlas das imagens era uma história de fantasmas para adultos, o Atlas pessoal de Teresa Dias Coelho também não se consegue eximir a um inconsciente do tempo que chega até nós nos seus traços e no seu trabalho: vestígios da história pessoal, motivos e ritmos do tempo da memória, quedas e irrupções de um real privado.

Os objectos que estes desenhos representam são completamente destituídos de toda a ideia? Apresentam-se como evidências absolutamente independentes do pensamento e como que mortificadas? Sim, e esta materialidade que se oferece à representação e à imaginação (muito mais do que à interpretação) cria opacidade e invisibilidade. Em certa medida, estes desenhos trabalham os objectos e as paisagens (enquanto revisitações, sob a forma de miniatura e de resíduo, de um percurso artístico) como o grande plano trabalha na desmontagem visual das coisas.

Teresa Dias Coelho, Lisboa, 1954
Licenciada em Pintura pela FBAUL

Exposições Individuais

1981 “*Pinturas*”, Galeria de Arte Moderna S.N.B.A., Lisboa. **1988** “*Fotogramas*”, Galeria de Arte Moderna Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa. “*Fotogramas*”, Casa das Artes, Tavira **1989** “*Jogos*”, Galeria Municipal, Grândola “*Jogos*”, Centro Cultural Emmerico Nunes, Sines “*Jogos*”, Casa de Bocage, Setúbal **1994** “*Dores*”, Projecto com Maria Velho da Costa, Casa Fernando Pessoa, Lisboa **1995** “*Dores*”, Biblioteca Camilo Castelo Branco, Famalicão. “*Dores*”, Biblioteca Municipal C. Gulbenkian, Ponte de Sôr. “*A Mesa do Mar*”, Desenhos sobre textos de Manuel Gusmão, Casa Fernando Pessoa, Lisboa **1998** “*Belas Adormecidas*”, Galeria Diferença, Lisboa **2000** “*Nuvens*”, Galeria Pedro Sem, Lisboa **2001** “*Outras Nuvens*”, Galeria Pedro Sem, Lisboa **2002** “*Objectos Comuns*”, Galeria Arc 16, Faro **2003** “*Objectos Comuns II*”, Galeria 9 Arte, Lisboa **2004** “*O Outro Lado das Árvores*”, Galeria Arc 16, Faro “*Cartografias*”, Galeria 9 Arte, Lisboa **2005** “*Cartografias*”, Claustros Instituto Politécnico, Setúbal **2007** “*O Jardim dos caminhos que se dividem...*”, TMG, Guarda. “*O Jardim dos caminhos que se dividem...*”, Galeria Arc 16, Faro **2008** “*O Jardim dos caminhos que se dividem, o poder do centro*”, Galeria Arte, Lisboa **2010** “*Só quero fazer viagens em que não tenha que dizer: quero voltar para casa!*”

Exposições Colectivas

1978 “*Arte Portuguesa Hoje*”, Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa **1982** Bial de Cerveira. Bial de Lagos “*Pequeno Formato*”, Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa **1985** Bial de Desenho, Cooperativa Árvore, Porto **1988** “*Red Line*”, Galeria V.O., Lisboa. “*Mais Cores*”, Centro Cultural Malaposta, Loures **1992** Centro Cultural Emmerico Nunes, Sines **1996** Museu Municipal, Loures **1999** Galeria Pedro Sem, Lisboa **2002** Colectiva 9 Arte, Lisboa. “*100 Anos – 100 Artistas*”, Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa

Colecções

Obras nas colecções do Museu de Arte Moderna, Fundação C. Gulbenkian, Câmara Municipal de Lisboa, Casa Fernando Pessoa, Fundação Portuguesa das Comunicações, Colecções Particulares

Arte Pública

1991 Intervenção na Praça de Espanha, integrada nas “Festas da Cidade de Lisboa” **2000** Intervenção no pátio do Liceu Passos Manuel integrada no projecto “*Passos 2000*”, Lisboa